

Por que não ser católico: os motivos que levam os socialmente oprimidos a se afastarem da Igreja

Maria Eduarda Moreira Martins Vieira¹

Resumo: O tema da comunicação é: Motivos que levam as pessoas socialmente oprimidas a não quererem ser católicas e o objetivo geral é descobrir o que leva as pessoas socialmente oprimidas a não quererem ser católicas. A partir de entrevistas com pessoas pertencentes a variados grupos socialmente oprimidos, para coletar o testemunho delas a respeito do objetivo geral. Iremos comparar as respostas das pessoas entrevistadas, para analisar os aspectos mais recorrentes em seus testemunhos e finalmente, propor melhorias na eficiência da evangelização católica, com base nas respostas dos entrevistados. A metodologia utilizada será a pesquisa qualitativa-quantitativa, por meio de entrevistas a 24 pessoas. São variados os motivos que levam as pessoas socialmente oprimidas a não quererem ser católicas. Dentre os que se destacaram, estão a contribuição da Igreja Católica no processo de colonização do continente americano, a falta de respostas fáceis para dúvidas existenciais, a criação de pessoas desde cedo em outras tradições religiosas, e a perpetuação de diversos tipos de preconceitos dentro da Igreja Católica, entre outros motivos. Para conquistar fiéis socialmente oprimidos, a Igreja Católica precisa de se empenhar em uma evangelização que busque superar esses problemas. Somente um esforço coletivo dos agentes evangelizadores tem chances de ser eficaz.

Palavras-chave: Religião. Igreja. Pluralismo religioso. Católico. Oprimido.

INTRODUÇÃO

Onde estão os seres humanos, há alguém (ou vários alguéms) que jamais aceitaria um convite para frequentar uma missa ou outra celebração católica. O que será que faz certas pessoas não terem o mínimo interesse em se aproximar da Igreja Católica? Não é de se espantar que os motivos variem de uma pessoa para outra, mas será que dá para traçar alguns que se destaquem mais?

Com relação aos diversos segmentos socialmente oprimidos da população, o que faz essas pessoas buscarem sua libertação, muitas vezes, bem longe de Jesus Cristo? Há os que chegam a ser cristãos, mas não católicos, mas tantos outros evitam qualquer igreja cristã. Por que isso acontece?

Enquanto a fé cristã católica é libertadora para uns, ela parece ser exatamente o contrário para outros. No presente trabalho, são apresentadas as entrevistas feitas a 24 pessoas que fazem parte de algum grupo socialmente oprimidos. Elas explicaram, com notável sinceridade, por que não são e não querem ser católicas. Depois das entrevistas, são traçados

¹ Pós-graduação lato sensu em Docência e diversidade e em Educação inclusiva pela Faculdade Descomplica. meartes@mail.com

alguns dos motivos que mais se destacaram, e ao final, são dadas algumas breves sugestões que dizem respeito a uma efetiva evangelização.

1 ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

Os 24 entrevistados responderam às seguintes perguntas²:

- Qual é a sua religião?
- De quais grupos socialmente oprimidos você faz parte?
- Por que você não é católico(a)?
- Por que você não quer ser católico (a)?

A seguir, estão as respostas dos 24 entrevistados a essas perguntas, por ordem de quem respondeu primeiro.

Entrevistada 1: Umbandista, mulher, pobre, afrodescendente.

“Não sou católica mais por conta da crença na reencarnação. E pela contribuição da Igreja Católica no processo de colonização. Sou afrodescendente. O sonho do meu pai era ser padre. Queria ser coroinha, a profa da igreja disse que não existia anjo preto. Tenho um certo rancor por conta disso.”

Entrevistada 2: Evangélica, mulher, pobre.

“Porque na Igreja Católica eu não encontrei resposta para muitas perguntas. O padre não se empenhava em ensinar a Bíblia. Aí eu e minha família fomos para a igreja evangélica. Hoje, não é caso de não querer ser católica. É caso de costume, mesmo.”

Entrevistado 3: Espírita kardecista, TDAH, dislexia.

“Assim eu cresci numa família umbandista, até minha mãe era daí eu tinha uns pensamentos porque o Jesus foi crucificado etc aí minha mãe ela até procurou uma igreja católica, mas ainda assim não satisfiz minhas dúvidas, então ela procurou uma casa espírita. Minha família toda agora é espírita.”

Entrevistada 4: Ateia, mulher, indígena, depressiva, lésbica.

“Quando eu acreditava em religiões, o catolicismo era o que eu mais tinha raiva pois foram eles que invadiram o Brasil e colonizou e catequizou. Hoje digo que não sou católica porque não acredito em coisas de religião.”

Entrevistada 5: Candomblecista, mulher, bissexual.

2 Os nomes dos entrevistados não são citados por questões éticas.

“Eu tive um período que frequentava a Igreja Católica. Mas saí, pois, achava que era muito limitado o respeito com a diversidade. Apesar de ter evoluído com os anos ainda é uma religião (os adeptos em sua maioria) que está mais preocupada nos “não pode” do que no amor e caridade, que foi foco do ensinamento de Jesus.”

Entrevistado 6: Espírita kardecista, bissexual.

“Não faço mais parte da Igreja Católica desde os 2 anos, minha mãe conheceu um centro espírita e desde então frequentamos lá, não vejo vontade em trocar de religião até porque os ensinamentos são basicamente os mesmos.”

Entrevistada 7: Umbandista, mulher.

“Porque nunca me senti pertencente, à vontade pra explorar o que busco e buscava espiritualmente.”

Entrevistada 8: Deísta, HIV positiva, trabalhadora sexual, pessoa com trajetória em situação de rua, pessoa trans, travesti, idosa.

“Porque a Igreja Católica sem sombras de dúvidas é a maior culpada por todas as mazelas existentes nos países cristãos.”

Entrevistada 9: Sem religião, travesti.

“Eu fui criada em um ambiente católico, eu fiz catequese, aí o tempo foi passando, aí eu vi que não era um espaço muito pra mim não. Não gostei muito, não. Eu não quero ser católica porque eu acho que não acredito muito no que eles pregam, não.”

Entrevistada 10: Umbandista e Santo Daime, mulher.

“Eu não falo que eu não sou católica, porque eu sou católica também, mas eu sou outras coisas. Aí, dentro de uma religião ou outra, existem algumas coisas que contradizem umas às outras. Mas aí eu pego as contradições, vou para a que eu acho mais coerente, e sigo essa.”

Entrevistada 11: Espírita kardecista, mulher.

“Eu cresci na Igreja Católica, fiz catequese e até antes da pandemia eu ia à missa aos domingos antes de ir trabalhar no museu. Mas só tenho afinidade com o catolicismo hoje, por ter aprofundado no espiritismo.

Sempre tive muitas questões relacionadas a vida, morte, aos sofrimentos ou bençãos, as entidades que eu via dentro da minha casa, as coisas que eu sonhava, via, ouvia e sentia. E sobre isso a religião católica nunca me deu respostas e conforto.

Quando comecei a frequentar mais a religião espírita, muitas coisas foram esclarecidas e senti que a vida era algo mais do que só seguir as obrigações terrenas (estudar, trabalhar, casar, etc.) Tudo foi fazendo mais sentido.

Comecei a fazer o estudo do Evangelho segundo o Espiritismo, que são os ensinamentos de Jesus explicados de uma forma mais ampla dentro da visão espírita, e vi muito sentido e comecei a entender melhor os acontecimentos da humanidade, a nossa participação nesses acontecimentos e como aplicar os ensinamentos em minha vida.”

Entrevistado 12: Espírita kardecista, negro, gay.

“Eu fui católico na infância, cheguei a fazer primeira comunhão, a maior parte da família materna e paterna é católica. Entretanto, por influência da minha mãe, entre 7 e 10 anos, começamos a frequentar uma casa espírita. E com o tempo fomos migrando.

Quando adolescente já tinha deixado de frequentar a Igreja Católica totalmente, principalmente devido a sentir mais esclarecido, mas também mais acolhido no espiritismo.”

Entrevistada 13: Evangélica, mulher, pobre.

“A princípio porque a primeira religião que me foi apresentada pelos meus pais foi a evangélica. Então a aceitação foi mais fácil. A aceitação no sentido de entender e compreender a Bíblia na visão evangélica.

Historicamente os líderes da Igreja Católica impuseram regras e dogmas totalmente contrário à Bíblia, e também de uma forma muito hipócrita, repudiava a religião alheia, como a dos greco-romanos e simplesmente copiavam suas crenças e costumes. Hoje, eu ainda vejo alguns resquícios de cultura embutidos na Igreja Católica, no qual eu não concordo. Mas para deixar bem claro, a Igreja Evangélica também possui muitos desses costumes, no qual eu também discordo. Mas vendo de forma geral, me identifico com a Evangélica.”

Entrevistada 14: pretende ser umbandista; mulher, pobre, bissexual.

“Fui criada em Igreja Católica. Até meus 15 anos eu não via problema em ser católica mesmo algumas vezes eu vendo que existia sim um preconceito com os LGBTs por causa do casamento e ter filhos etc. Mas onde eu frequentava sempre existiu muito apoio e ir contra o preconceito e até mesmo estuda saber outras religiões e nos informar.

Hoje eu não frequento mais a igreja, mas continuo tendo fé nos santos. Hoje eu quero fazer parte da Umbanda e me identifico muito com o que a religião propõe pra mim.”

Entrevistada 15: Deísta, mulher.

“Não sou católica porque o dogma da Igreja não corresponde à minha forma de pensar a vida e o mundo. Não quero ser católica porque acho que a religião limita a consciência e impõe regras e culpa.”

Entrevistada 16: Evangélica não praticante, mulher.

“Hoje em dia não tenho muitas restrições com relação a não frequentar a Igreja Católica, eu até penso em visitar alguma de vez em quando..., mas em geral não tenho fé em santos,

então não tenho muita identificação por isso também. Sempre fui mais voltada pra fazer pedidos e conversar com a figura da Trindade somente.”

Entrevistada 17: Wicca, mulher.

“Muitos rituais que eu não considero necessários de acordo com minhas concepções e crenças.”

Entrevistado 18: Ateu, gay.

“Não sou católico pelo mesmo motivo que não sou de outras religiões. Não acredito em nenhum Deus. Mas apoio qualquer iniciativa religiosa que faça bem à saúde mental e que ajude os mais necessitados.”

Entrevistado 19: Ateu, gay, neurodivergente.

“Não sou católico por conta das opressões realizadas pelos cristãos ao longo da história. E como essas opressões reverberam até hoje na vida de mulheres, indígenas, negros e LGBTs.”

Entrevistado 20: Ateu, negro.

“Eu não acredito em Deus e por isso não seria de religião nenhuma. Acredito que nós o inventamos para responder o que não sabemos da vida ou da natureza das coisas. Não acho isso um problema. Mas muita gente quer respostas, às vezes respostas rápidas e caem muito nas explicações religiosas.

Com relação à religião Católica, ela e outras religiões foram e são usadas como meio de poder político sobre as sociedades. E a religião Católica foi usada no Brasil como forma de poder e dominação social, justificando absurdo como a própria escravidão de brasileiros negros e índios, mas principalmente negros. Então, o histórico político da religião Católica é bem ruim no mundo todo. Além disso, ela também buscou eliminar as outras religiões sobretudo as religiões de matriz africana e indígenas. Por fim, jamais seria católico.”

Entrevistado 21: Agnóstico, gay, pardo.

“Eu não me vejo sendo bem-vindo ali pelas pessoas que ocupam aqueles lugares, eu não me sinto bem-vindo pela questão da participação muito pessoal dos líderes da Igreja, e também pela questão das pessoas conservadoras, que dificulta muito não só a minha participação, mas a participação de outras pessoas, que às vezes não existe um preconceito tão grande na sociedade igual existe pra gente, pra nós, pessoas que somos minorias.”

Entrevistada 22: acredita na mãe Terra, mulher, bissexual.

“No momento não sigo nenhuma religião, acredito na Terra como nossa mãe e que devemos respeitar e cuidar dela. Cresci em uma família católica, estudei em escolas católicas até me formar no ensino médio, nisso acabei tendo muito tempo pra estudar o Catolicismo.

Comecei a questionar minha criação católica desde os 11 ou 12 anos, pois a ideia de uma vida após a morte, sendo de punição ou de ir para um paraíso nunca me agradaram. Eu acredito que toda morte gera vida e que esse processo é inteiramente do nosso plano.

Também me revoltei muito com as instituições católicas, pois durante meu processo de formação pessoal, de crescimento e entendimento do “eu” no mundo, me deparei com muita censura e muitas punições por coisas que às vezes eram apenas curiosidade juvenis, de quem está tentando se entender.

Aos 11 anos fui suspensa por beijar um menino no recreio, aos 13 fui proibida de dançar com outra menina na quadrilha... Aos 16 fui suspensa outra vez, por beijar uma menina do lado de fora da escola, aos 17 fui proibida de participar de qualquer apresentação cultural da escola, como teatro e danças. Essa censura toda sendo colocada em nome da instituição católica serviram apenas para me deixar mais desconfortável com uma religião com a qual minhas crenças já não batiam.

Eu sou uma mulher que vivo minha sexualidade sem censurar nenhum dos meus desejos. A instituição católica infelizmente tornou esse processo mais demorado pra mim.

Agora separando a instituição da religião em si, eu diria que o que não me faz católica é só um entendimento do mundo e da vida que é diferente demais ao do catolicismo.”

Entrevistado 23: Sem religião, LGBT.

“Não acredito em uma entidade sobrenatural.”

Entrevistada 24: Evangélica pentecostal, mulher.

“Eu não sou católica porque eu não acredito na veneração dos santos. E tem algumas outras coisas também envolvendo o alto clero, outras coisas que eu não concordo na religião Católica Apostólica Romana.

Eu não quero ser católica porque eu já fui católica. Eu fui batizada quando eu era recém-nascida, uma coisa que eu também não concordo na religião, mas não fui incentivada a seguir minha fé na época. Mas quando eu conheci a religião evangélica eu conheci a Deus, eu conheci a Jesus e fui incentivada a seguir esse caminho. Eu vi sentido em seguir esse caminho.”

2 DADOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS

Quantidade de pessoas entrevistadas: 24

Religião das pessoas entrevistadas: Umbanda: 4; Espiritismo kardecista: 4; Evangélica: 4; Sem religião: 10; Outras: 2.

Foram entrevistadas pessoas de variados grupos socialmente oprimidos, dentre eles: mulheres, negros, indígenas, LGBTs, pobres e neurodivergentes.

Foram variadas as respostas sobre os motivos que levaram as pessoas a não serem e não quererem ser católicas.

Enquanto algumas pessoas foram criadas desde cedo em tradições religiosas não católicas e se sentem confortáveis com isso, outros indivíduos já chegaram a frequentar a Igreja Católica, às vezes até participando de alguns sacramentos (principalmente o Batismo e a Primeira Eucaristia). Mas, por algum motivo (ou vários), não viram sentido em continuar sendo católicos.

Dentre as causas da não participação na Igreja Católica, já foi destacada a criação das pessoas em outras matrizes religiosas desde a infância, mas vários outros fatores também são pertinentes de serem elencados.

Com relação aos ex-católicos, a saída deles se dá por variadas portas: uns vão para alguma igreja evangélica, outros se tornam adeptos de religiões não cristãs, e ainda há aqueles que desistem de qualquer tipo de religião.

Ao pensar em cristianismo, muita gente ainda se lembra dos diversos erros cometidos pela Igreja Católica ao longo dos séculos. Dentre eles, destaca-se a sua contribuição no processo de colonização do continente americano, impondo a cultura europeia sobre a indígena e a africana.

Os diversos tipos de preconceito presentes nos ambientes católicos favorecem o desconforto de pessoas socialmente oprimidas ao frequentarem esses lugares. Alguns dos entrevistados relataram tal sensação de falta de pertencimento à Igreja Católica. Afinal, como é possível se sentir confortável onde se sofre preconceitos?

Alguns dos entrevistados demonstraram a busca por religiões com a finalidade de sanar suas dúvidas existenciais. Não encontrando as respostas mais fáceis e satisfatórias na Igreja Católica, acabaram migrando para outras igrejas ou religiões. Em alguns casos, essa falta de respostas se deu por causa de catequeses e homilias precárias. Como podemos querer evangelizar de forma efetiva, sem, no entanto, nos esforçarmos o suficiente para tal?

CONCLUSÃO

Pelas respostas dos entrevistados, é possível perceber que pessoas de diversas tradições religiosas estão educando seus filhos, desde cedo, na fé na qual acreditam. E essa educação religiosa familiar muitas vezes se mostra efetiva. O testemunho de algumas pessoas, portanto, serve de exemplo da validade e da importância da evangelização de crianças e jovens dentro do ambiente familiar. Afinal, se os umbandistas, os espíritas, os evangélicos e muitos outros estão se esforçando na transmissão de suas crenças a seus filhos, qual é o problema se as famílias católicas fizerem o mesmo? Essa evangelização, no entanto, deve ser realmente esforçada, e não simplesmente jogando a criança ou o jovem nas mãos do padre ou do catequista.

A Igreja Católica é feita de seres humanos, e portanto, sujeita a erros. Mas certos erros foram muito grandes ao longo dos séculos, com destaque para a colonização do continente americano, oprimindo a cultura de diversos povos indígenas e africanos. Esses acontecimentos não devem ser esquecidos, mas sim lembrados, para que os líderes religiosos não repitam os erros do passado. Em um mundo onde as pessoas estão muito mais preocupadas com a satisfação de seus próprios interesses do que com o Cristo que morreu na cruz por elas, é necessária uma evangelização amigável, dialogal, e não opressora como a dos séculos passados.

As pessoas querem se sentir confortáveis dentro dos ambientes religiosos, e o preconceito é algo que causa desconforto. Se quisermos pregar um Deus que se encarnou e morreu para salvar a todos, soa contraditório um discurso no qual nem todos se sentem acolhidos por esse Deus, já que as pessoas que (supostamente) o defendem estão cobertas por preconceitos. Por isso, se a Igreja Católica quiser conquistar (ou reconquistar) os fiéis pertencentes a grupos socialmente oprimidos, será preciso evangelizar com os braços abertos para acolher a todos, despindo-se dos diversos tipos de preconceito.

Muitas pessoas buscam alguma religião à procura de respostas para suas dúvidas existenciais, e de preferência, de forma fácil e simples. Pelas respostas obtidas nas entrevistas, a fé católica parece estar longe das explicações mais fáceis. A saída, então, não é contrariar a nossa própria doutrina para facilitar as explicações às pessoas. Se as respostas da nossa religião às dúvidas existenciais são complexas, então, devemos redobrar os nossos esforços nas atividades evangelizadoras, para que às pessoas abandonem a tendência de ir sempre pelos caminhos mais fáceis e agradáveis.

São diversos os obstáculos que se apresentam ao longo do caminho para uma efetiva evangelização. Para que todos eles sejam superados, portanto, é necessário um esforço coletivo, por parte de todos os católicos, na tentativa de evangelizar aqueles indivíduos que hoje não conseguem enxergar um sentido no catolicismo, sejam quais forem os motivos.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, Álvaro. *Igreja, Povo Santo e Pecador*. São Paulo: Loyola, 2001.

CNBB. *Animação da Vida Litúrgica no Brasil: elementos de pastoral litúrgica*. Documentos da CNBB 43, n. 73. São Paulo: Paulinas, 1989.

FAGGION, H. Guther. “Estado Crítico”, in *Eclésia – A Revista Evangélica do Brasil*, n. 79, 2002.

LIBANIO, J.B. *Eu creio, nós cremos: Tratado da fé*. São Paulo, Loyola 2002.

TERRIN, A. N. *Nova Era. A religiosidade do pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1996.